

Quando o governador Agamenon Magalhães resolveu editar os *Anais* de Pereira da Costa, o Prof. Nilo Pereira, então deputado na Assembléia Legislativa, sugeriu que a coordenação dos trabalhos editoriais deveria ser entregue ao Prof. Jordão Emerenciano, diretor do Arquivo Público. No desempenho desse cargo, nunca será demasiado ressaltar a importância da obra cultural realizada por Jordão Emerenciano, uma ação de primeiro plano, como se pode testemunhar através da edição de dez volumes daqueles *Anais*, contando sempre com o apoio do diretor da Imprensa Oficial, jornalista Cleofas de Oliveira, que supervisionou os trabalhos gráficos. Posteriormente, encarregou-se da edição de uma obra destinada a alcançar repercussões no mundo da medicina tropical: *Mourão, Rosa e Pimenta*, prefaciado por Gilberto Freyre.

Por tudo isso, o desaparecimento prematuro do Prof. Jordão Emerenciano, quando contava apenas pouco mais de cinqüenta anos de idade, representa uma perda não só para Pernambuco, mas para toda a comunidade nordestina a que ele sempre serviu com muito espírito público. — *CÉSAR LEAL*

O CÍRCULO DO TEMPO

JOSÉ RODRIGUES DE PAIVA

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
EDITORA UNIVERSITÁRIA
RECIFE — 1972

DO AUTOR:

Três Noites no Sobrado (contos), Imprensa Universitária,
Recife, 1969.

Perspectiva do Homem na Obra de Camus (ensaio), Imprensa
Universitária, Recife, 1971.

*Uma geração vai, e outra geração vem, mas a
terra para sempre permanece.*

*E nasce o sol, e põe-se o sol, e volta ao
seu lugar donde nasceu.*

*O vento vai para o sul, e faz o seu giro para o
norte; continuamente vai girando o vento, e volta
fazendo os seus circuitos.*

Eclesiastes, 1: 4-6

*O tempo ambíguo existe. Eis o crepúsculo
e as horas funerais que foram dias.*

(Tu te diluís no tempo entre os espaços).

Ó longínquo país, embarcações!

Jorge de Lima

*O tempo passado e o tempo futuro,
O que poderia ter sido e o que foi,
Convergem para um só fim que é sempre*

[presente.

T. S. Eliot

O CÍRCULO DO TEMPO

I

O tempo que passou, tempo exaurido,
encontrará o atual tempo presente,
num dia, num momento do futuro,
num tempo que virá, um tempo ausente.

O tempo que virá, tempo futuro,
também será passado como ontem,
depois de por momentos ser presente,
até que num só tempo os dois se encontrem.

O tempo que hoje corre e que é presente,
também já foi futuro no passado
e passado será, quando o futuro,
o tempo que hoje corre houver tragado.

O tempo que em três partes se divide,
é na verdade apenas um só tempo,
que, desde o antigo Tempo Inicial,
forma o contínuo círculo do tempo.

II

A primavera em tudo se adivinha.
Sangram as chagas perfumadas dos pinheiros,
onde os tordos construíram os seus ninhos
e o vento deixa parte de sua força;
anda no ar a música das abelhas
que procuram incansáveis o doce néctar
das flores desabrochadas ao sol.
O mundo enche-se de ruídos estranhos e felizes
e a sua face, rubra se transforma
ao florescer dos roseirais silvestres.

§

Desce sobre nós o fogo astral
ressuscitando antigos corpos mortos.
Caem do alto, em perpendicular,
os milagrosos, soberanos raios,
que se infiltram por dentro da folhagem
e amadurecem as frutas nos pomares.
O próprio vento parece ter parado,
porque tudo está imóvel e em silêncio,
como se o mundo tivesse mergulhado
serenamente num profundo sono.
É verão e a natureza vibra
com a extraordinária força deste sol
e o mundo novamente se transforma
enquanto corre o tempo interminavelmente.

§

De ouro se cobrem as árvores
abandonando o seu verde
e os raios gastos, sem brilho,
vestem ferrugem no outono.
É a marcha ininterrupta
dos dias, meses e anos,
é o tempo que caminha
mudando a cor dos cabelos.

O grande titã já não tem a mesma força,
já não há tanto ardor nos soberanos raios
e o vento corre outra vez na planície.
Amadureceram as frutas nos pomares
e uma a uma, começam a cair
das árvores despidas de folhagem.
De onde virá esta melancolia
que lentamente se abate sobre o mundo?
Já não se ouve a música das abelhas,
os próprios pássaros já não têm o mesmo canto
e os pinheiros, grandes solitários,
não sangram mais em chagas perfumadas.
Sopra do norte um estranho vento frio
que deixa nus os ramos do arvoredos.
Branças visões ao longe se antevêm:
é outono
e é outono que o inverno se anuncia.

§

Aonde irão as migradoras aves
que em revoada fazem negro o céu?
Procuram países quentes,
perseguem a primavera,
fogem do inverno cruel,
da brancura desolada
destas manhãs sem aurora.

Os pinheiros agora são fantasmas
cobertos de alvas mortaldas.
Solitários à beira dos caminhos,
vêm passar os animais da floresta,
em silenciosos, inaudíveis passos,
sobre a imensa vastidão da terra branca.
A impressentida luz solar adormeceu

por sobre as nuvens de cinza
(novo teto do mundo nesta época).
E até que ela novamente à terra desça,
muitas luas e sóis transcorrerão,
sem que a terra, no entanto, os possa ver.
E durante muitos dias,
apenas os grandes ventos
percorrerão os bosques e as invernais campinas.
Unicamente os lobos das florestas
habitarão esta terra abandonada
até que a irrompante luz do sol nascente,
desça sobre nós, perpendicularmente,
e o mundo se transforme à magia do seu toque,
e voltem a sangrar os pinheiros em chagas perfumadas,
e retornem as aves migradoras,
construindo os seus ninhos nos ramos do arvoredó
e as abelhas procurem outra vez
na corola das flores o néctar precioso
e misturem o seu canto com o dos pássaros,
e a natureza ressuscitada vibre
à luz do fogo astral de milagrosos raios
e volte a florescer a roseira silvestre
aberta em rubras rosas de veludo.
Quando tudo isto acontecer,
os tordos voltarão aos pinheirais
e lá construirão seus ninhos novamente.
E à noite, quando a enorme e branca lua
surgir na linha infinita do horizonte,
a solitária cotovia nos dará
o seu canto mais puro.

O ETERNO FLUIR DO TEMPO

A Miguel Torga

Nada existe de novo sobre a terra,
contudo, cada aurora, cada amanhecer,
nos traz um novo dia que não será
absolutamente igual ao anterior,
e o sol que hoje se põe,
embora desça entre as mesmas colinas,
não é igual ao sol que ontem se pôs.

Nada existe de novo sobre a terra,
mas da semente que germina no campo,
brotará amanhã uma nova flor,
uma flor que não existia antes.

O fluir do tempo que se arrasta
traz o mundo em constante evolução.
Tudo se modifica com o correr dos dias,
com o passar dos anos
e com o lento caminhar dos velhos séculos.
Por isso, não haverá motivo de admiração
se amanhã alguém encontrar uma cidade
onde hoje corre um rio,
ou se hoje encontrar uma floresta
onde ontem se erguia uma cidade.

A transformação das coisas é eterna,
mas nada se transforma totalmente.
Muda o envólucro, o núcleo permanece
imutável como o núcleo do rochedo,
daí, podermos dizer com voz salmódica:
Nada existe de novo sobre a terra!

ANUNCIAÇÃO DO TEMPO

Morria o sol em seus últimos raios
na tarde velha que a memória perdeu
e nesta mesma rua eu caminhava
desligado do mundo em pensamento,
e era estranho o profundo silêncio
em que a terra inteira mergulhara
àquela hora solene do crepúsculo.
O mistério da luz do sol poente
envolia meus passos descuidados,
a poeira da estrada percorrida
e tingia de sangue o fim da tarde
enquanto a voz da noite me chamava
além do imprevisível de uma esquina
àquele estranho encontro não marcado.
À luz fugaz da tarde que morria,
a cabeça pendida, os passos lentos,
um misterioso vulto caminhava
ao meu encontro ou em busca de si próprio.
Parando à minha frente o estranho ser,
senti que os seus olhos me buscavam
e se prendiam a mim com insistência.
E qual não foi também o meu espanto
ao descobrir na sazoadada face
o rosto de um antigo companheiro
há muito tempo guardado na memória.
A história uma vez mais se repetia,
e à semelhança dos dois clássicos brados
também a minha voz se fez ouvir:

Ora, tu por aqui, meu velho amigo!

Mas o silêncio sepultou-me a voz,
aquele olhar sofrido me fitava
e alguns instantes, ou séculos que foram,
sobre nossas cabeças transcorreram
até que a grave boca se entreabriu
em distantes palavras como estas:
“Está próximo o tempo da verdade.
Não queiras saber o que dizem astrólogos e

[cartomantes

nem o que está escrito nos horóscopos
ou guardado nas bolas de cristal dos falsos magos.
As coisas futuras pertencem a um outro tempo:
o contínuo, esperado e imprevisível tempo do devir.
Esquece o que te ensinaram os velhos mestres,
a inútil ciência e a vã filosofia,
porque a humana sabedoria nada pode
contra as inexoráveis trombetas do Juízo.
Esquece as equações e os teoremas
e os cálculos de física nuclear.
Não queiras conhecer outros planetas
quando nem sequer conheces a ti próprio.
Está próximo o tempo dos grandes eventos:
o tempo da besta e do dragão,
dos terremotos, das grandes tempestades,
da destruição das cidades do pecado.
As novas Babilônias, Sodomas e Gomorras
cumprirão novamente seus destinos,
e o fogo em que arderem tingirá o céu
e não ficará pedra sobre pedra.
Oceanos e rios secarão suas águas
para dar passagem a reis e seus exércitos
e o troar das batalhas encherá a terra
e toda a terra tremerá
ante o ódio dos sangrentos contendores
até que a besta e o dragão
sejam vencidos pelo Cavaleiro da Luz
e arremessados ao negrume dos abismos insondáveis.

Só então os falsos profetas calarão suas vozes
e os vivos encontrarão seus mortos
e todos estarão unidos para o mesmo fim.
Tudo isto me foi dito e confiado
para que eu viesse e percorresse a terra
e avisasse aos homens que
está próximo o tempo da verdade".
Caía a noite sobre a tarde morta,
sinos tocavam à hora do crepúsculo
e os primeiros vaga-lumes lampejavam
enquanto as sombras lentamente devoravam
os passos do meu perdido companheiro.

CIDADE ADORMECIDA

O misterioso pássaro abriu as asas negras
e espessas sombras desceram sobre o mundo.
Os fantasmas do rio ergueram-se das águas.
Onde estarão os velhos tempos mortos?
Onde estarão?

O pássaro de sombras abriu seu único e grande olho,
fitando a terra, debruçado no alto.
Os edifícios abriram também seus olhos quadrados.
O que farão agora os habitantes da cidade?
Os fantasmas do rio vagueiam pela noite solitária.
Onde estarão os velhos tempos mortos?
Onde estarão?

Unicamente silêncio na cidade adormecida.
As luzes varam as tortuosas ruas,
as sombras escondem-se nas esquinas
e o vapor de mercúrio arde nas avenidas.

NO MEIO DO CAMINHO

A Arlene de Albuquerque Ferreira

Não esperes que alguém te mostre uma estrada.
Escolhe no labirinto do mundo
os estranhos caminhos da tua vida,
e segue com pé firme
o destino que traçaste.
Não hesites diante da primeira encruzilhada,
resolve apenas que direção tomar:
a direita ou a esquerda,
depressa, não vaciles.
Não te preocupes com o que possa haver
ao fim deste ou daquele caminho,
nem tentes adivinhar que surpresas te esperam
além da curva da estrada.
Nada disso importa,
de nada vale saber com antecipação
os acontecimentos futuros.
Espera, porque o tempo ao tempo se revela.
Segue além da curva da estrada,
enfrenta a tua verdade,
é esse o teu caminho.
Tens pela frente vales e montanhas,
mas é esse o teu caminho.
Não confies no barco em que atravessarás o rio,
confia nos teus braços:
talvez tenhas que nadar até à outra margem.
Não esperes ajuda,
nem sigas a rigor
os conselhos que ouvires:
a ajuda, é possível que nunca te seja dada,
e os conselhos, esses de nada te servirão,
porque os outros, por mais que te conheçam
e se digam teus amigos,

jamais te conhecerão tão profundamente
para te dizerem com acerto:

“Faz isto... Faz aquilo...”

Pisa o chão que te espera,
confia em ti como se não houvesse mais ninguém no
[mundo,

e quando estiveres no meio da estrada,
ao sentires vacilar a tua força,
se tiveres necessidade de conforto,
lembra-te da flor que abriu junto ao teu caminho.

I

(Abertura)

São antigos luminares
presos a um teto de chumbo,
constelações navegando
nas águas mortas do mundo.

Branças estrelas perdidas
em águas não navegadas,
tochas vivas acendendo
outras tochas apagadas.

Nebulosas como polvos,
tentáculos em espiral,
ocultos nos precipícios
da escuridão sideral.

Inatingíveis galáxias,
distantes pontos perdidos
nas sombras de outras idades
dos mundos desconhecidos.

Fogo de raios solares,
no ponto neutro da linha
do meio-dia, ilumina
o azul das águas marinhas.

II

(Temas)

- 1 — A luz que rompe as trevas
mostrando o bom caminho ao viajante
ilumina também a minha estrada
- 2 — A luz milagre-astral
flutuando nas águas do infinito
dirige os navegantes no maralto
- 3 — A luz ouro-intangível
penetrando no âmago da terra
desfaz a escuridão de tantas sombras
- 4 — A luz solsticial
incandescentes chamas no Zodíaco
ateia fogo ao teto do universo
- 5 — A luz crepuscular
clarão rubro de sangue no horizonte
devora a luz do dia que agoniza.

III

(Variações)

1 — Espessas sombras noturnas
pesando como metal
dentro do ventre da noite,
peso de aço de punhal.
Branca luz sublunar
rasgando trevas pesadas
liberta escuras veredas
das sombras acorrentadas.
E iluminando o caminho
do noturno viajante,
clarão de muitas estrelas
acende um teto distante.

2 — Ondas marinhas levantam
rumores, vozes do mar;
na costa o farol lampeja,
reflexos vivos no olhar.
Maralto de muitas águas
onde não chega o farol,
de noite a luz das estrelas
de dia o fogo do sol
indicam aos navegantes
esses celestes luzeiros,
nos mares misteriosos
desconhecidos roteiros.

3 — Fugindo ao olho do sol
as densas sombras noturnas,
feridas de madrugada
morrem às luzes diurnas.
E a treva que antes reinava
na terra, noite sem lua,
morta por raios solares
sobre o invisível flutua.
De novo brilhando a luz
em plenitude total,
se acendem raios no céu,
como em polido metal.

4 — Subindo além do Equinócio,
o sol — estopim de fogo —
incendeia céus e mares,
devora tudo em seu forno.
Na fornalha do verão,
braseiro solsticial,
rebrilham flechas em chamas,
incandescente metal.
E o fogo do sol lavrando
no Zodíaco dourado,
acende as suas fogueiras
sobre o universo abrasado.

5 — Descambando entre colinas
ou no raso do horizonte,
ferido, tinto de sangue,
cai o sol agonizante.
Leva o dia atrás de si,
morrendo aos poucos também
e as sombras da morte chegam
na noite que sobrevém.
Finalmente morre o sol
depois de grande agonia
e a noite veste o seu luto
até nascer novo dia.

Distantes sinos tocando
ao fim de uma tarde morta,
despertam dormidas sombras
da noite que sempre volta.

E sobem no ar opaco
os tinidos do metal
enquanto os pássaros buscam
seu refúgio vegetal.

Na leve sombra que paira,
fundem-se cantos perdidos:
os dos sinos que badalam
e os de um juriti ferido.

E na mata uma araponga,
solta o seu canto de ferro,
ferindo as últimas luzes
que as longas trevas encerram.

Os sons da tarde adormecem
no céu de tons purpurinos,
quando o silêncio das sombras
sepulta as vozes dos sinos.

Quando o sino da memória
dobrar a tempos perdidos
e os dias todos ficarem
nas lembranças esquecidos;

quando o sol da primavera
tiver o peso do chumbo
e as recordações da vida
mergulharem mais a fundo;

quando a existência já longa
estendida em linha reta
penetrar dentro da névoa
que termina a estrada aberta,

outros sinos tocarão
anunciando o final
de um tempo que é sepultado
aos sons do gasto metal,

e outro tempo sem idade,
sem passado e sem futuro,
terá seu nome gravado
na pedra cinza de um muro.

GERMINAÇÃO DA VIDA

A névoa que recobre
o tempo do verão,
esconde o sol de pedra
que incendiava o chão.

E a luz aprisionada
no inverno sempre ausente,
permite florescer
a vida na semente.

A vida que germina
com susto e timidez,
mas que se fortalece
de um mês a outro mês.

A vida que povoa
os longes da paisagem,
detida no horizonte
por invisível margem.

A vida verde, verde,
fugindo da prisão,
já que fechada estava
nas dimensões do grão.

Fugindo sempre mais
do fogo do verão,
expulsa a pedra amarga
e torna verde o chão.

O chão, terra plantada,
onde o milho floresce,
e quando o tempo ajuda
o fruto sempre cresce.

O fruto da semente,
espiga amadurada,
na terra florescida,
a vida germinada.

PÁSSAROS NA COLHEITA

A Marcus Accioly

Do ferro que se abate
ferindo a terra, o chão,
o canto parte alado
anunciando o grão.

O canto-ferro sobe,
no ar, som de metal;
um eco agudo, pássaros
em meio ao milharal.

A terra fecundada,
ao homem recompensa,
fazendo vir do chão
uma verdura imensa.

E sendo boa a terra,
as plantas crescerão
e as flores que nascerem
em frutos mudarão.

E sendo bom o tempo,
de o fruto amadurar,
no vento o cheiro doce
as aves vai chamar.

Rasgando a carne rubra,
os bicos-picaretas,
se antecipando ao homem
começam a colheita.

E arribações sem fim
de pássaros com fome,
procurarão os frutos
plantados pelo homem.

Sendo chegado o tempo
alegre da colheita,
por pássaros e homens
a safra será feita.

E a mão do homem, pássaro
humano, não alado,
se fechará em torno
do grão frutificado.

Por seu trabalho, o homem
se vê recompensado,
colhendo finalmente
o fruto amadurado.

PAISAGEM RURAL

A cerca, o pasto, o gado,
vaqueiros na paisagem,
chocalhos badalando,
novilhos na pastagem.

A mata, o rio, o sol,
os pássaros voando,
um cheiro bom, de terra,
o camponês plantando.

A cana, a erva, o verde,
a vida vegetal,
suor de muitos braços,
trabalho de animal.

A pedra, o barro, a estrada,
a usina fumaçando,
aboios de vaqueiros,
as boiadas passando.

O açude, a pesca, os peixes,
a vara de bambu,
os camarões nas pedras,
traíras e muçus.

A caça, o cão, o homem,
o estrondo da espingarda,
um pássaro ferido,
rumor de muitas asas.

O inverno, a chuva, o vento,
ondula o capinzal,
o açude e o rio invadem
o mar-canavial.

A farda, o sabre, o rifle,
soldados de polícia,
relembra cangaceiros
nos tempos da milícia.

A taipa, o barro, as casas,
ao longe o povoado,
o mundo ali é estreito,
parece ter parado.

A igreja, o sino, o padre,
um coro, vozes, cantos,
a festa, a romaria
e a procissão dos santos.

PAISAGEM DE SILÊNCIO

A Ariano Suassuna

§ — Silêncio mineral,
vozes de pedra,
na paisagem de sol
da terra acesa.

Fogaréu crepitando
no chão de rochas,
um incêndio geral
de muitas tochas.

Um incêndio de luz
dentro do tempo,
que cresce sempre mais
à voz do vento.

Que mata ou afugenta
a pouca vida
que resta na paisagem
seca e sofrida.

Paisagem de silêncio
e vozes mortas,
caladas como pedras,
ecos de rochas.

§ — Silêncio mineral
sobre a campina
de areia, pedra e sol,
luz que calcina.

E mata o verde morto
que jamais nasce,
e o quadro continua
com a mesma face:

A face incendiada
de muitos sóis,
ardendo na fornalha,
rubros metais.

Ardendo em fogo vivo,
queimando sempre,
destruição total
da vida ausente.

Paisagem-solidão,
facheiros secos,
oásis que morreram
nesses desertos.

CHÃO-DE-PEDRA, SOL-DE-FOGO

O rijo sol-de-fogo,
a pedra, a planta brava,
ausência d'água, a seca,
a vida que se acaba.

O homem que resiste,
guardando a vida, a morte,
comendo o pão-de-pedra
no chão da própria sorte.

A terra que se acende,
o fogaréu, as chamas,
calor de muitos sóis,
braseiro que se inflama.

Os bichos que agonizam,
o chão estorricado,
o mundo se acabando
ou sendo devorado.

O tempo que parou,
a pedra calcinada,
sinais tristes de fome,
a morte de emboscada.

O céu azul, sem nuvens,
cobrindo a terra morta,
no chão-de-pedra em brasa
a vida sempre aborta.

Um sopro de esperança,
o tempo que se muda,
o homem espera e reza
que venha logo a chuva.

O azul do céu se esconde,
as nuvens nascem grossas,
os pingos caem gordos,
das pedras nascem roças.

A madrugada canta,
os galos desafiam,
o mundo ressuscita
nas vozes que se agitam.

O milho verdeja,
o sol doura as espigas
e os homens na colheita
entoarão cantigas.

FRUTO-FLOR DE SOL-VERÃO

Na terra dura
não nasce o grão,
não brota o fruto
da flor do chão.

Da flor do chão,
chaga da rocha,
da terra acesa
como uma tocha.

Como uma tocha
ou um ferro em brasa,
calor de incêndio
que tudo arrasa.

Que tudo arrasa,
tudo destrói,
menos a pedra,
que nada rói.

Que nada rói,
nada consome,
que engole o homem
morto de fome.

Morto de fome,
ainda luta,
plantando a vida
na terra bruta.

Na terra bruta,
chão que é só pedra,
ou ramos secos,
nem sombra de erva.

Nem sombra de erva
ou planta viva,
somente fogo,
ferve a saliva.

Ferve a saliva
do chão de pedra,
onde só rocha
nascendo medra.

Nascendo medra
a flor do grão,
fruto da rocha,
de sol-verão.

CANTO MARINHO

A areia branca
da praiamar,
reflete o brilho
do teu olhar.

Um brilho intenso
de azul-celeste
ao mesmo tempo
suave e agreste.

Azul tão puro
de pedra rara,
água-marinha
brilhando clara.

Azul das ondas
no mar de areia,
canto de espuma,
voz de sereia.

Um canto novo
de mar salgado,
canção marinha,
som naufragado.

Um canto puro
de diamante,
que vem no vento
do mar distante.

Um canto eterno,
vozes do mar,
que vem do fundo
do teu olhar.

Olhar que prende,
que é vivo, atrai,
olhar que afoga
quem nele cai.

A água, o fogo,
o céu, o mar,
a terra e o tempo
no teu olhar.

O mundo inteiro
quer naufragar,
nas águas mansas
do teu olhar.

ITINERÁRIO AQUÁTICO

§ — Do seio da terra nasce
por entre pedras e relva,
cristalino olho-d'água
que ao sol da manhã se espalha.

Branças águas deslizando,
sem leito delimitado,
vão levando de passagem
cantigas soltas no vento.

Àquela corrente fraca,
outras correntes se juntam,
e o olho se faz riacho,
cavando um longo caminho.

§ — Lento arrastar de serpente
de prateadas escamas,
segue o riacho lambendo
os rebordos do seu leito.

Suas águas generosas
vão molhar bocas sedentas
e fertilizando terras
onde plantações verdejam.

Aquele riacho estreito,
outros riachos se juntam,
e as águas multiplicadas
cavam seu leito mais fundo.

§ — Nascente, riacho e rio,
três coisas antes distintas,
que, dentro das mesmas águas,
correm no mesmo destino.

E o corpo mole do rio,
no leito duro de rochas,
parece um vasto lençol
estendido, quase sem dobras.

No seu caminho traçado
pelo destino fatal,
o rio acaba tragado
nas verdes ondas do mar.

A CAMINHO DO MAR

A Mauro Mota

Águas de sombra navegam
no manso correr do rio
reverdecendo as pastagens
queimadas ao sol do estio.

Pastagens de verde luz
onde o vento corre à solta
e bebe o cinza das águas
do rio que vai e não volta.

Do rio que segue caminho
sem nunca poder parar
e vai conhecendo terras
nesse eterno caminhar.

Do rio que corta as cidades
como a faca corta um fruto
e às vezes leva nas águas
o crepe negro do luto.

Do luto que há de vestir
quando à morte se entregar
ao brônzeo dobre a finados
do enorme sino do mar.

LENDA MARINHA

São águas do mar mais fundo
onde navegam mistérios,
onde repousam marujos
nos marinhos cemitérios.

Águas de mares remotos,
mares jamais navegados,
onde os navios do silêncio
adormecem encalhados.

Águas mortas, esquecidas,
habitadas por sereias,
que ensaiam cantos exóticos
nas brancas praias de areia.

Águas há muito perdidas
nas cartas e nos roteiros
dos antigos navegantes
e dos piratas primeiros.

São águas de pura lenda,
onde os búzios cantam alto
e os grandes ventos nos levam
perdidos neste maralto.

A ILHA

I

Onde as águas escuras do mistério
se enovelam em negros torvelinhos,
onde afloram as rochas de coral,
onde habitam dragões, monstros marinhos;
onde o tempo não reina e é tudo igual,
não há velho nem novo, é tudo eterno,
onde moram os raios do astro-sol,
não existe verão nem há inverno,
de mistério e beleza ergue-se a ilha
da vertigem das águas oceânicas,
e na areia da praia, alguma filha
dos pastores que habitam o litoral,
pesca búzios e conchas e mariscos
arrancados das águas de metal.

II

O romper da manhã desperta a ilha,
surge o sol, surge a luz, o mundo nasce,
toda a treva da noite que se acaba
vai morrendo no dia que renasce.
Nas ramagens das tílias, nas acácias,
cantam bandos de pássaros selvagens,
e há mugidos distantes, pelo vento,
de novilhos perdidos nas pastagens.
Quando a noite retorna e o sol se põe
e o vermelho do céu devora o mar,
abandonam as sombras seus porões,
as gaivotas procuram seus refúgios
e os pastores em volta das fogueiras
tocam estranhas canções, soprando búzios.

Composto e impresso nas oficinas gráficas
da EDITORA UNIVERSITÁRIA
da Universidade Federal de Pernambuco



